

O caminho exprime-se na experiência comunitária de fé

Don Rossano Sala

«Aos cristãos de todas as comunidades do mundo,
quero pedir-lhes de modo especial um testemunho de comunhão fraterna,
que se torne fascinante e resplandecente.
Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros,
como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais»
(FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 99)

Uma saudação a todos e a cada um de vós.

Queremos retomar esta manhã os grandes temas do Lema, procurando mesmo ser-lhes materialmente fiéis. Divido assim em três momentos a minha exposição: partindo do estar “Com Jesus”, passaremos ao “Percorrer juntos”, e por fim falaremos da “Aventura do Espírito”.

Tendo como foco comum a experiência comunitária da fé.

1. COM JESUS

Jesus é o insubstituível, não é o ausente que nós temos de substituir: Ele assegurar-nos que está conosco até ao fim dos tempos. Propriamente, vem para ficar para sempre conosco, trazendo-nos o amor que é Deus.

No princípio, no Deus uno e trino, há plenitude de comunhão, vínculo amoroso, concórdia original e beatificante. Ora o motivo e a realização da criação não pode ser senão um verdadeiro e próprio “alargamento” desta comunhão. Não existe nem pode existir uma criação nem uma humanidade que possa constituir uma alternativa a este projeto, nem logicamente uma realização de si que não vá nesta precisa direção! Neste sentido Jesus é esposo, não uma presença facultativa; é eternamente insubstituível, não acessório; é a plenitude desejada, não um estranho a evitar. A nossa mesma identidade é intrinsecamente relacional, e não pode haver uma plenitude para além da comunhão. Jesus é *filho, irmão e esposo* da humanidade: três termos que, enquanto definem Jesus verdadeiro Deus e verdadeiro homem, definem, quer Deus quer os homens, na sua mais profunda identidade.

1.1. Missão autorreferencial? Não, amigo e confidente do Pai!

O segredo profundo da vida de Jesus está na sua relação com o Pai, a quem Ele com toda a complacência chama *Abbá*. O ponto de observação privilegiado, o fecho da abóbada decisivo, o centro de perspectiva estratégico dos Evangelhos é a relação entre Jesus e o Pai. Explica J. Ratzinger, na introdução ao primeiro volume do seu *Jesus de Nazaré*, que

“Sem a sua radicação em Deus a pessoa de Jesus torna-se fugaz, irreal e inexplicável” (R. Schnackenburg). Este é também o ponto de apoio em que se baseia este meu livro: considera Jesus a partir da sua comunhão com o Pai. Este é o verdadeiro centro da sua personalidade. Sem esta comunhão não se pode compreender nada e partindo dela Ele torna-se presente a nós também hoje¹.

O prólogo de João, que apresenta Jesus como o *Logos* do Pai feito carne, é o guia capaz de fazer-nos compreender como Jesus se situa como “unigénito” antes que como “primogénito”. A sua singularidade histórica assenta substancialmente neste vínculo profundo e único: «A doutrina de Jesus não provém de uma aprendizagem humana, qualquer que possa ser. Vem do imediato contacto com o Pai, do diálogo “face a face”, da visão d’Aquele que está “no seio do Pai” »².

A relação incomparável de Jesus com o seu *Abbá* ilumina e explica a novidade inaudita da sua doutrina e o envolvimento dos discípulos, que propriamente serão chamados a entrar também eles, por graça, nesta filiação. Não seria possível, eliminando ou pondo de lado este vínculo, captar a originalidade de Jesus, que se pode descobrir em todas as páginas do Evangelho.

¹ J. RATZINGER, *Gesù di Nazareth*, Rizzoli, Milano 2007, 10.

² *Ibid.*, 27. «Jesus é inteiramente “relacional”, em todo o seu ser não é senão relação com o Pai. A partir desta relacionalidade deve entender-se o uso da fórmula da sarça ardente e de Isaías: o “Eu sou” situa-se totalmente na relacionalidade entre Pai e Filho» (*Ibid.*, 399)

1.2. Nobre de linhagem real? Não, filho do carpinteiro e carpinteiro ele mesmo!

Se lermos com atenção a longa e cuidadosa genealogia de Jesus que o evangelista Mateus coloca no início do seu Evangelho, damos conta de como a vida de Deus quer ser entrelaçada e amalgamada com a vida dos homens. Não é só de Deus que se trata, mas de um descendente da linhagem de David, com tudo o que comporta! A carta aos Hebreus, de forma sintética, fala de Jesus como aquele que é em tudo semelhante a nós, exceto no pecado³. Quis nascer como nós numa família humana, viver numa localidade de periferia; crescer em idade, sabedoria e graça obedecendo aos seus pais; ganhar a vida como os filhos dos homens. A vida escondida de Jesus em Nazaré não é um apêndice à sua missão, mas a sua necessária e prévia preparação, em que Ele entrou no ritmo da nossa humanidade com simplicidade e coragem.

É interessante notar que o *primeiro* título régio que Jesus recebe, no início da sua missão, é o reconhecimento das suas humildes origens, que parecem contrariar a sua pretensão e a sua palavra:

Tendo chegado à sua terra, ensinava os habitantes na sinagoga deles, de modo que todos se enchiam de assombro e diziam: «De onde lhe vem esta sabedoria e o poder de fazer milagres? Não é Ele o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Suas irmãs não estão todas entre nós? De onde lhe vem, pois, tudo isto?» E estavam escandalizados por causa dele. Mas Jesus disse-lhes: «Um profeta só é desprezado na sua pátria e em sua casa». E não fez ali muitos milagres, por causa da falta de fé daquela gente⁴.

Vive e trabalha numa família artesã. Ainda hoje o artesanato é apreciado em toda a parte do mundo porque, diferentemente do trabalho em série, realiza sempre obras de arte, únicas e irrepetíveis no seu género; o artesão trabalha com as suas mãos, com a sua criatividade, com as suas capacidades singulares. Nisto consiste o valor do artesanato. O artesão da madeira sabe que cada pedaço de madeira é vivo, tem a sua consistência própria, tem em certo sentido uma alma; tem dentro de si uma especial vocação a tornar-se algo para o qual foi criado e que em si contém, que a capacidade introspectiva do artesão deve intuir, compreender e desenvolver.

1.3. Longe dos homens? Não, artesão das almas!

Por muito tempo Jesus ocupou-se deste trabalho original, antes de começar a ocupar-se dos homens na sua, tudo somado, brevíssima missão apostólica: um tirocínio longo e fiel que depois deu os seus frutos no seu breve trabalho de evangelização explícita. A proporção é interessante 10:1!

A vida de fé, tal como a relação educativa, é sempre uma modelação artística nunca repetitiva nem homologante. É um trabalho de artesanato finíssimo e Jesus mostra com cada uma das pessoas com quem se encontra uma sensibilidade única em reconhecer a singularidade de cada um e em propor a cada um o caminho que naquele momento pode fazer.

Nunca se vê nos Evangelhos Jesus a tratar de forma homologante aqueles com quem se encontra; ao invés tem sempre um contacto pessoal. Pedro não é tratado do mesmo modo que João, Bartolomeu não é chamado como a Samaritana, Zaqueu não é olhado nem chamado do mesmo modo que Levi, tal como Tomé não pode ser tomado como Nicodemos. A mulher siro-fenícia que pede a cura da sua filha não é tratada do mesmo modo que Simão o fariseu que acolhe Jesus com frieza na sua casa. O jovem rico, ao qual se pede que deixe tudo e siga Jesus, é diferente do cego Bartimeu que queria segui-l'O e é mandado para casa a anunciar a boa nova aos seus! Cada alma, cada ferida, cada dor recebe de Jesus um tratamento específico, artesanal, original.

Para cada um deles e para cada um de nós Jesus tem uma palavra única, irrepetível, singularíssima como a nossa alma, a nossa situação interior, a nossa condição exterior. A sua sensibilidade é apuradíssima e a sua inteligência é divina. O seu olhar é mais do que humano, porque participa do olhar divino: «O homem vê a aparência, mas o Senhor vê o coração»⁵.

Cor ad cor loquitur, dizia com gosto o beato card. J.H. Newman. Jesus vê o coração, conhece o íntimo de cada um, sabe de que precisamos mesmo antes de lho pedirmos. Tal como um artista entrevê o vínculo único entre um pedaço de mármore e uma obra de arte, assim Jesus esteve em condições de entrever em cada uma das pessoas que encontrou a sua absoluta e própria dignidade a reconhecer, sanar e promover até à perfeição, que nunca é a repetição de outra.

1.4. Primeiro epílogo: a interioridade apostólica de Dom Bosco, artesão da educação!

Apraz-me agora pensar em Dom Bosco, partindo destes três pontos de perspectiva da vida de Jesus.

³ Cfr. *Heb* 4,15.

⁴ *Mt* 13,54-58. A versão sinótica de Marcos, provavelmente mais original, afirma porém que Jesus é não só o filho do carpinteiro, mas Ele mesmo carpinteiro: «Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E as suas irmãs não estão aqui entre nós? E isto parecia-lhes escandaloso» (*Mc* 6,3).

⁵ *1Sam* 16,7.

Antes de tudo, a sua interioridade. Dela falámos abundantemente no Lema de 2014, que dizia respeito à espiritualidade, depois da história (2012) e da pedagogia (2013). Apraz-me entrar, através de uma mística dos nossos tempos, dentro da sua oração e da sua relação com Deus, ainda demasiado pouco conhecida e valorizada, que é todavia o seu magnífico segredo e a alma do seu apostolado⁶:

Vejo a sua oração essencialmente joanina, cheia de amor, de maravilha, de afeto para com Deus.

Os seus conhecimentos sobre a oração não são grandes, não sabe imaginar plenamente o Deus trinitário. Ele vive de algumas imagens do Evangelho e em Cristo contempla o Pai, o Filho e o Espírito Santo; ama-os, refere tudo a Eles, suporta tudo por amor, sobretudo por estupefação. O seu amor para com Deus é apaixonado; não lhe é fácil introduzir as pessoas no mundo da sua oração. Falta-lhe a distância: em relação a Deus, à fé dos outros e à sua própria fé. Vive numa espécie de imediatez, pessoalmente muito bela, de uma pureza joanina; não deseja senão poder amar e contemplar a Deus e sente uma alegria infantil por poder, ele e os outros, amar assim.

Em todas as obras que realiza vive da palavra do Senhor: “o que fizeste ao mais pequeno dos meus irmãos a mim o fizeste”, e no impulso imediato de levar todas as almas ao Senhor e de as procurar em seu Nome. Se os seus irmãos rezam demasiado pouco, se têm mais alegria na ação, nas tarefas, nas obras, nas exterioridades, mais do que em Deus e no deslumbramento por Ele, então fica triste e não sabe bem o que fazer. Ele não sabe como lhes comunicar a sua paixão por Deus. Certamente lhes deixou muito, mas depois da sua morte eles deviam descobrir nele aquilo que ele não tinha podido comunicar-lhes⁷.

Depois, *a sua vida antes da sua missão apostólica entre os jovens*: simples, laboriosa, honesta, empenhada. Passou pessoalmente por todas as profissões que depois ensinou aos seus rapazes: camponês, criado, alfaiate, trolha, carpinteiro e quantos mais! Outra vida escondida, artesã, humilde, que o iniciou na partilha da vida dos seus rapazes desde o interior, da experiência de uma vida partilhada com eles. Por isso pôde depois comover-se por cada um deles! Também ele foi de verdade um artesão em tudo e por tudo, como Jesus!

Por fim, *a sua capacidade de introspeção*: no meu entender, é possível definir Dom Bosco como um “descobridor de talentos”, um “artesão da educação”, alguém que soube reconhecer em cada um dos seus rapazes aquilo que lhe era próprio, aquilo que Deus lhe tinha dado como carisma único. Aprendeu bem a lição de Jesus. E a de S. Francisco de Sales, o qual afirmava que “cada alma é uma Diocese”! Testemunha-o mesmo bem o beato Filipe Rinaldi, seu terceiro sucessor, numa conferência familiar às Filhas de Maria Auxiliadora:

De cento e tal que vós sois, nenhuma tem um temperamento igual à outra; e todavia deveis viver juntas e santificar-vos. Mesmo entre os santos quanta diferença! Entre o padre Rua, o padre Sala, o padre Durando, o padre Cerruti, o padre Bonetti que diferença de energias! O padre Sala todo pontes e construções, o padre Cerruti todo livros e números, o padre Bonetti todo vida e ardor e o padre Durando! E, no entanto, Dom Bosco fez deles grandes homens que, se tivessem ficado no mundo, se perderiam no meio do número anónimo dos homens. Como é que então se tornaram tão célebres na nossa Congregação e fora dela? Porque *Dom Bosco soube tomá-los como eram e deles tirou o maior bem que podiam dar*⁸.

2. PERCORRAMOS JUNTOS

No centro do nosso Lema para 2016 parece-me haver uma exigência sinodal: caminhar juntos, não avançar por conta própria, não querer pensar em trabalhar sozinho. Está-se com a comunidade, com o próprio Instituto, com a Igreja universal e particular. Caminha-se como Família salesiana.

Podemos e devemos chamar-lhe *profecia e mística de fraternidade*.

Profecia porque no mundo não se vê fraternidade. É conhecida e apreciada a frequência com que o Papa Francisco exorta as comunidades cristãs a ser o primeiro lugar em que se deve fazer experiência da fraternidade, do perdão e da estima recíproca. Ele pede-nos que *não deixemos roubar a comunidade nem o ideal do amor fraterno*⁹ e convém neste ponto voltar a ouvir pelo menos uma sua passagem explícita sobre o assunto:

Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir-lhes de modo especial um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente. Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais [...]

Por isso tenho muita pena de comprovar como nalgumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, a desejos de

⁶ A este propósito continua a ser insuperável o texto clássico de E. CERIA, *Don Bosco con Dio*, SDB, Roma 1988.

⁷ A. VON SPEYR, *Das Allerheiligenbuch, Erster Teil*, Johannes Verlag, Einsiedeln 1966, 210-211 (tradução nossa).

⁸ E. CERIA, *Vita del Servo di Dio don Filippo Rinaldi*, SEI, Torino 1951, 303-304.

⁹ Cfr. em particular *Evangelii gaudium*, n. 87-92 e 98-101.

impor as próprias ideias a todo o custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas. Quem queremos evangelizar com estes comportamentos?¹⁰.

Mística de fraternidade porque esta exigência nasce do coração do Deus uno e trino, cujo amor por nós não é simplesmente unilateral (isto é, um amor de *ágrape*, quer dizer, um dom que vem do alto, completamente gratuito, totalmente imerecido, inimaginável e desconcertante), mas é também um amor que deseja reciprocidade (um amor de *philia*, que pede a correspondência amorosa, que quer fazer-nos entrar no ritmo da doação, que entende criar um vínculo fiel com cada um de nós, que quer tornar-nos atênticos *partner* da aliança capazes não só de receber, mas também de dar). É ainda amor afetivo e apaixonado, que nos busca, que deseja entrar na nossa vida e participar nela, mesmo ciumento no sentido daquele que verdadeiramente perdeu a cabeça por cada um de nós: é um amor de *eros*.

Queria agora nesta segunda parte da minha intervenção falar um pouco de todos nós que somos chamados a caminhar juntos: jovens e adultos em caminho na Igreja e com a Igreja hoje.

2.1. Niilismo dos jovens? Uma tese simples, cómoda e falsa!

Começamos pelos jovens. Aqueles de quem tantos falam mal, mesmo dentro da Igreja. Aqueles que tantos consideram “niilistas” e até uma “geração incrédula”. Muitas vezes o mundo dos adultos pinta os jovens como narcisistas, como uma geração que só pensa em si mesma. Acho que não é exatamente assim e que a tese do “niilismo dos jovens”, demasiadas vezes propalada mesmo pelo mundo eclesial, é injusta e humilhante para nós e sobretudo para os jovens. Esta tese é sobretudo perfilhada por aqueles que não estão com os jovens, não partilham nada com eles e que no fundo não querem sentir-se responsáveis pelas novas gerações. Penso que Dom Bosco nunca a partilharia!

Na verdade temos de confrontar-nos, antes de tudo, com um mundo juvenil que cresceu, depois das várias crises do nosso tempo, sem pais. Por “pai” aqui entendo evidentemente não apenas a figura física de um pai, mas aquele conjunto de limites, de autoridade, de moldes educativos e de regras compartilhadas que uma geração habitualmente oferece à geração seguinte, ajudando-a no penoso caminho de se tornar adulta.

Uma imagem sugestiva para nós é a de *Telémaco* que assinala o advento, numa sociedade sem pais, de uma *dialética da nostalgia, da espetativa e da invocação*. Estamos cada vez mais em presença de jovens que desejam e se empenham no retorno da boa autoridade, da autoridade paterna certa e logicamente atraente, marcada por uma vontade de reencontrar laços bons que refundam a própria condição filial. Como sugestivamente no-lo indica o psicanalista Massimo Recalcati, *Telémaco*

contempla o mar, perscruta o horizonte. Espera que o barco do teu pai – que nunca conhecestes – regresse para repor a Lei na sua ilha dominada pelos piratas que lhe ocuparam a casa e que usufruem impunemente e de forma descarada da sua propriedade. *Telémaco* emancipa-se da violência parricida de Édipo; busca o pai não como um rival com o qual bater-se de morte, mas como um augúrio, uma esperança, como a possibilidade de repor a Lei da palavra na sua terra. Se Édipo incarna a tragédia da transgressão da Lei, *Telémaco* incarna a da invocação da Lei; ele reza para que o pai volte do mar depositando neste regresso a esperança de que ainda se faça justiça em Ítaca¹¹.

Penso que esta é a condição de tantos jovens que, no fundo, desejam encontrar adultos significativos com quem entrar numa aliança positiva. Aguardam-nos com nostalgia e sabem reconhecê-los logo que algum se aproxima deles como deve ser e com reta intenção. *É bom e justo pensar nos jovens deste modo*.

À pergunta de Jesus aos discípulos - «Que procurais?»¹² – os jovens de hoje respondem com clareza: “procuramos em vós adultos significativos”, “procuramos em vós mestres de espiritualidade”, “procuramos em vós santidade visível e viável”!

Narcisismo dos adultos? Sobretudo um facto acertado!

O verdadeiro problema ao invés não me parece que sejam os jovens, mas os adultos e a sociedade educativa no seu conjunto. Com efeito na reflexão cultural, educativa e pastoral de hoje alastra uma concentração de análises em torno daquilo a que poderemos chamar “a questão dos adultos”: muitos textos de incontestável interesse têm como tema precisamente a falta de figuras adultas que possam ser significativas para os rapazes, para os adolescentes e para os jovens de hoje¹³. Estes convergem unânimes na denúncia de uma persistente “narcisação” da condição

¹⁰ *Ibid.*, n. 99.100.

¹¹ M. RECALCATI, *Il complesso di Telemaco. Genitori e figli dopo il tramonto del padre*, Feltrinelli, Milano 2013, 12.

¹² *Jo* 1,38.

¹³ Indico alguns textos particularmente significativos e úteis sobre a matéria: F. BONAZZI F. - D. PUSCEDDU, *Giovani per sempre. La figura dell'adulto nella postmodernità*, Franco Angeli, Milano 2008; G. CAPPELLO (ed.), *L'adulto svelato. Gli adolescenti guardano gli adulti*,

adulta. O neologismo “adulescência” – uma palavra que assinala a presença de adultos segundo a idade anagráfica, mas adolescentes segundo a maturidade humana – é sintomática da nossa época.

Muito conhecido de todos é o dramático diálogo, que deu a volta ao mundo, entre o comandante Francesco Schettino e o comandante da Capitania do porto de Livorno, Gregorio de Falco, na trágica noite do naufrágio do navio Costa Concordia nas proximidades da ilha do Giglio. Ali se vê como a questão se joga exatamente no mundo dos adultos: mais do que um diálogo entre dois adultos, parece um diálogo paradigmático entre um adulto e um “adulescen-te”, que é desafiado a assumir as suas responsabilidades.

Estamos em presença de uma *grande e trágica mudança*, que marca uma transformação das idades da vida. Enquanto que antes a figura do adulto exercia poder de atração sobre os adolescentes e jovens, que desejavam ser (finalmente) adultos, hoje vemos adultos que tentam de todas as maneiras voltar a ser jovens e idosos que tentam a todo o custo viver a segunda, a terceira e a quarta juventude. A biologia, infelizmente, não perdoa: mais mês menos mês, por volta dos vinte e cinco anos começa, a nível celular, o processo de envelhecimento!

Em síntese, podemos dizer que o fundo cultural do nosso tempo nos apresenta um mundo de adultos que ama a juventude, mas que inveja e entra em competição com os jovens; adultos que desejam ser eternamente jovens, e que portanto entram em concorrência com os jovens; adultos preocupados em excesso com a própria sobrevivência e, portanto, incapazes de se apaixonar e de perder tempo na educação das novas gerações.

2.2. Igreja credível? A palavra aos jovens!

A Igreja é o povo de Deus. Todos nós somos Igreja. Caminha-se na Igreja e como Igreja. Convidamos os jovens a ser parte viva da Igreja, a ser nela participantes e protagonistas.

Mas muitas vezes os jovens sentem-se pouco atraídos pela instituição eclesial no seu todo. Não é só a Igreja que tem uma ideia dos jovens, mas também os jovens têm uma ideia do cristianismo, da Igreja Católica, dos cristãos e da questão religiosa. Para sermos sintéticos, apresento cinco dimensões de avaliação dos jovens sobre a Igreja Católica no seu conjunto, que deveriam dar-nos que pensar¹⁴.

Antes de mais, os jovens têm uma ideia de Igreja que vive uma dinâmica de *poder pouco transparente*, que quer ser não só politicamente incisiva, mas que no fundo quereria substituir-se à consciência pessoal e que sabe bem ocultar e camuflar os seus males, sobretudo os que dizem respeito à falta de “moralida-de” dos seus ministros.

O segundo aspeto digno de nota é a *faustosidade da Igreja*. Num tempo de crises, muitas vezes a Igreja é apresentada como um lugar de bem-estar e de riqueza, sobremaneira escandalosa neste tempo de crise. Certamente o estilo do Papa Francisco é uma lufada de oxigénio neste ponto doloroso que, infelizmente, caracteriza alguns aspetos de vida da Igreja e dos seus ministros.

O terceiro aspeto de avaliação é *fechar-se para se defender*: rigidez, enclausuramento, conservadorismo. Veem a Igreja como que dentro de uma armadura fria e pesada que a torna impenetrável e bloqueada.

Ao invés, um aspeto positivo é o reconhecimento de que a Igreja continua a ser o bastião fundamental que guarda *os valores* fundantes da existência humana. É um aspeto surpreendente, mas bem testemunhado no imaginário juvenil, que reconhece à Igreja um património cultural e humano incomparável.

O quinto e último aspeto com que a Igreja é compreendida pelos jovens é a imagem de *um monte de proibições*, em que a Igreja é vista como uma agência produtora de normas que regulam autoritariamente a vida dos seus fiéis. Os jovens criticam a legitimidade e o carácter retrógrado de algumas regras impostas à vida dos fiéis.

Parece-me que estes cinco aspetos de avaliação são importantes para captarmos o pensamento dos jovens sobre a Igreja e também sobre nós, que trabalhamos nela e em seu nome. Tornam-se, acho eu, também aspetos de avaliação concreta e de projetualidade positiva mesmo para o nosso modo de fazer pastoral juvenil hoje.

2.3. Segundo epílogo: somos nós os primeiros destinatários da nova evangelização?

No fim deste segundo ponto, pergunto-me *o que devemos entender por “nova evangelização”?*

Por um lado, há que ponha o acento tónico sobretudo nos destinatários da evangelização: a cultura atual, o homem de hoje e para nós os jovens são radicalmente diferentes e, portanto, deve ser repensado o enquadramento geral da transmissão da fé. Neste sentido seria necessário empenhar-se mais em compreender *“como falar de Deus aos jovens”*.

Noutra direção, há quem ponha o acento tónico nos *sujeitos* da evangelização: a Igreja, antes de se julgar preparada

Franco Angeli, Milano 2004; F.M. CATALUCCIO, *Immaturità. La malattia del nostro tempo*, Einaudi, Torino 2014; M. CHIARAPINI, *Dove sono gli adulti? Assenti ingiustificati*, Milano, Paoline 2013; G. CUCCI, *La crisi dell'adulto. La sindrome di Peter Pan*, Cittadella, Assisi (PG) 2012; S. LAFFI, *La congiura contro i giovani. Crisi degli adulti e riscatto delle nuove generazioni*, Feltrinelli, Milano 2014; C. LAFONTAINE, *Il sogno dell'eternità. La società postmortale. Morte, individuo e legame sociale nell'epoca delle tecnoscienze*, Medusa, Milano 2009; L. MANICARDI, *Memoria del limite. La condizione umana nella società postmortale*, Vita & Pensiero, Milano 2011; A. MATTEO, *L'adulto che ci manca. Perché è diventato così difficile educare e trasmettere la fede*, Cittadella, Assisi 2014; P. SEQUERI, *Contro gli idoli postmoderni*, Lindau, Torino 2011; F. STOPPA, *La restituzione. Perché si è rotto il patto tra le generazioni*, Feltrinelli, Milano 2011.

¹⁴ Para um aprofundamento pode ver-se: A. CASTEGNARO (com G. Dal Piaz e E. Biemmi), *Fuori dal recinto. Giovani, fede, Chiesa: uno sguardo diverso*, Ancora, Milano 2013, 129-149.

para anunciar o Evangelho, deve em primeiro lugar reconhecer-se como a sua destinatária privilegiada. No fundo trata-se de tomar consciência de que não há um momento histórico em que a Igreja possa dizer que está “em ordem com Deus”, mas é sempre chamada a uma contínua conversão ao Deus vivo, que é sempre maior e está sempre na frente! Neste sentido, seria necessário empenhar-se mais em compreender “porque falar de Deus aos jovens”. Não se trata evidentemente de contrapor estas duas “acentuações” – uma mais cultural e outra mais eclesial, uma mais *ad extra* e outra mais *ad intra* –, mas *de as pôr bem em ordem*: a re-evangelização de nós adultos, educadores, consagrados e ministros da Igreja é a condição de possibilidade para a evangelização dos jovens! Uma Igreja e enviados verdadeiramente evangelizados serão credíveis e eficazes, porque falarão com a sua vida, antes de falar com as suas palavras! Em suma: não se pode ser apóstolo credível, se antes não se for apóstolo autêntico.

A obra da evangelização não pode ser senão uma renovada conformação a Cristo Senhor, o qual é sempre «o primeiro e o maior evangelizador»¹⁵ e, portanto, o modelo em que inspirar-se sempre de novo, precisamente porque o Senhor Jesus é a eterna novidade: se depois vos vem à mente este pensamento: mas então que é o Senhor veio trazer-nos de novo?, saibam que trouxe toda a novidade trazendo-se a si mesmo»¹⁶.

3. A AVENTURA DO ESPÍRITO

Vamos ao encontro dos jovens e sobretudo com os jovens. A ideia de que o Espírito nos conduza a algo de aventura parece-me acertada, porque o Espírito de Jesus é um *Spiritus Creator*, é um espírito inovador, que tudo renova continuamente. Ele certamente não diz nada de novo, porque nos leva a Jesus, mas fá-lo de um modo sempre novo e criativo, cativante e convincente. Certamente de aventura.

A mesma santidade na Igreja, que é evidentemente obra do *Espírito Santo*, é sempre algo de inédito e de nunca visto. Pensem nisto com atenção: o santo nada diz que não tenha sido já dito no Evangelho (isto é, há nele uma *perfeita ortodoxia eclesial*), mas di-lo de maneira totalmente nova, nunca vista e perfeitamente adequada à época em que vive e atua (há sempre uma *práxis inovadora e inédita*). Por isso habitualmente uma época tem dificuldade, pelo menos ao princípio, em compreender a profecia de um santo ou de uma santa.

3.1. Como caminhar? Como comunidade educativo-pastoral!

Hoje fala-se cada vez mais de projetos educativo-pastorais e de comunidade educativo-pastoral. A ideia é clara: terminou o tempo dos franco-atiradores, que fez o seu bem mas que terminou também a sua época! Hoje cada vez mais *a comunhão é a estrada real e a estratégia de sucesso para a educação e a evangelização dos jovens*.

A aventura é comum e partilhada. Somos não só chamados pessoalmente, mas convocados todos juntos. Deve tornar-se verdadeiramente *convicção* – um pensamento que de certo modo nos convence, isto é, que vence as nossas resistências – para todos e cada um que a nossa ação educativo-pastoral é sempre uma experiência comunitária e que o sujeito único e articulado da missão é a Comunidade educativo-pastoral, que é assim definida no recente *Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana*:

comunidade: porque envolve num clima de família jovens e adultos, pais e educadores, onde o elemento fundamental de unidade não é o trabalho ou a eficácia, mas um conjunto de valores vitais (educativos, espirituais, salesianos...) que configuram uma identidade compartilhada e cordialmente querida;

educativa: porque coloca no centro dos seus projetos, relações e organizações, a preocupação pela promoção integral dos jovens, isto é, o amadurecimento das suas potencialidades em todos os aspetos: físico, psicológico, cultural, profissional, social, transcendente;

pastoral: porque abre à evangelização, caminha com os jovens ao encontro de Cristo e realiza uma experiência de Igreja, onde com os jovens se vivam os valores da comunhão humana e cristã com Deus e com os outros¹⁷.

Talvez o Reitor-Mor que melhor de todos apresentasse esta afirmação tenha sido J.E. Vecchi: para ele, a *razão determinante* que nos conduziu nesta direção da corresponsabilidade é precisamente «a nova estação que a Igreja vive. Esta revela uma aguda consciência de ser comunhão com Deus e com os homens e toma *a comunhão como via principal para realizar a salvação do homem*»¹⁸. A afirmação é capital, porque reordena as prioridades *daquilo* que fazemos em ordem ao *como* o fazemos, pondo em primeiro plano que o modo como se caminha diz algo de decisivo sobre onde se quer chegar: a comunhão, a partilha e a corresponsabilidade não devem considerar-se meios externos e extrínsecos da nossa missão, mas o centro mesmo da missão, porque são uma realização antecipada desta.

¹⁵ PAUO VI, *Evangelii nuntiandi*, n. 9; FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, n. 12.

¹⁶ IRENEU DE LYON, *Contra as heresias*, IV,34,1.

¹⁷ DICASTERO PER LA PASTORALE GIOVANILE, *La Pastorale Giovanile Salesiana. Quadro di riferimento*, Roma 2014³, 110.

¹⁸ Cfr. Atos do Conselho Geral 363 (1998), I.3.

Os estados de vida do cristão não devem considerar-se completos em si mesmos, mas fazem emergir a sua riqueza própria exatamente na ótica da comunhão.

Não foi um caminho breve. O trabalho pré-conciliar, a reflexão do Concílio, o esforço de ressituar a vida eclesial e a pastoral no pós-Concílio, a síntese doutrinal e a prática amadurecida nos anos que nos conduziram ao ano 2000, os Sínodos sobre os leigos, sobre os ministros ordenados e sobre a vida consagrada e as subsequentes Exortações Apostólicas clarificaram como *as diversas vocações se completam, se enriquecem, se coordenam; mais, não conseguem ter uma identidade original senão na referência recíproca dentro da comunhão eclesial*¹⁹.

Não só é correta a afirmação de que não foi um caminho breve, mas é necessário acrescentar que ainda estamos a caminho, porque precisamos de aprofundar e tornar concretas estas afirmações como Igreja e como Família Salesiana. Pensem apenas nos caminhos que o recente Sínodo sobre a família nos apontou .

É necessário amadurecer uma verdadeira e própria *espiritualidade de comunhão e de relação*. Reconhecer antes de tudo que Dom Bosco foi um grande homem de relação e de envolvimento, de modo especial com os jovens. O primeiro dom que ele faz aos seus é o de uma relação acolhedora, tanto que a qualidade do encontro educativo é aquilo que ele tem mais a peito. E, ao privilegiar as virtudes relacionais como base do diálogo educativo e da colaboração operativa, Dom Bosco é um autêntico e excelente discípulo de S. Francisco de Sales, homem afável e humilde de coração.

Isto deve traduzir-se em *atitudes concretas, quotidianas, normais, simples e eficazes*, que constituem o fundamento de uma Comunidade educativo-pastoral: uma atenta tomada de consciência dos nossos comportamentos relacionais e comunicativos, a paciência da escuta e a disponibilidade para entrar na lógica do intercâmbio dos dons, a prontidão para dar o primeiro passo e acolher sempre com bondade, a assunção da disciplina quotidiana que valoriza o estar juntos, a prontidão para a reconciliação.

3.2. Em que direção apontar? Contracorrente, para a fecundidade da Cruz do Senhor!

Imagino e penso na Igreja que caminha e não apenas num grupo de amigos que, de vez em quando, decidem fazer juntos o *rafting* entre as correntes impetuosas do rio da vida. Poderia parecer uma imagem que adivinhava por ser de aventura e simpática, mas é substancialmente mundana, muito em declive e muito divertida.

A natureza, no meu entender, orienta-nos melhor: apraz-me pensar na Igreja como um grupo de salmões que desata com decisão a subir de forma aventureira e cansativa as correntes do rio, indo contracorrente em relação aos que ao invés descem divertindo-se. Dando saltos impetuosos entre as cascatas, passando com prudência e astúcia entre os perigos dos ursos esfomeados, tentando não ficar entalados entre rochas afiadas, os salmões sobem com grande fadiga e sacrifício a corrente. E, uma vez chegados à meta, morrem ao pôr os ovos para dar origem a novas vidas, novas aventuras, novas possibilidades.

A aventura do Espírito para Jesus é chegar à fecundidade da cruz, a sua aventura entre nós é propriamente a do grão de trigo: «Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto. Quem se ama a si mesmo, perde-se; quem se despreza a si mesmo, neste mundo, assegura para si a vida eterna»²⁰. Não há fecundidade cristã que não chegue ao Calvário, monte do dom de si que regenera o mundo, e que S. Francisco de Sales define “monte dos apaixonados”, porque só quem ama de verdade, segundo Deus, chega até ali.

A perspectiva da doação dá profundidade, substância e conteúdo à proximidade pastoral: para a pastoral juvenil significa superar o risco do “juvenilismo”, de uma proximidade dos jovens neutra e superficial, incapaz de ser incisiva e significativa para a sua vida. Para Dom Bosco a figura do educador tem uma identidade bem precisa e de forma alguma genérica: no pequeno tratado sobre o *Sistema Preventivo* define-o «um *consagrado* ao bem dos seus alunos, por isso deve estar pronto a qualquer incómodo, qualquer fadiga para conseguir o seu fim, que é a educação – cívica, moral e intelectual – dos seus alunos»²¹. Isto é, deve estar disposto a perder-se a si mesmo pela salvação dos seus rapazes: «Prometo-vos e dou-vos o que sou e o que tenho. Por vós estudo, por vós trabalho, por vós vivo e por vós estou disposto mesmo a dar a vida»²².

3.3. O que fazer? Obras de misericórdia segundo o nosso carisma!

Estamos já lançados em pleno no ano em que o Papa Francisco convida toda a Igreja a viver a experiência do “Jubileu Extraordinário da Misericórdia”.

Conhecemos todos a tradicional distinção entre as obras de misericórdia corporal e espiritual, de novo proposta

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ *Jo* 12,24-25.

²¹ G. BOSCO, *Il sistema preventivo nella educazione della gioventù*, n. 3.

²² G.B. LEMOYNE, *Memorie biografiche di don Bosco*, VII, 585.

também neste ano jubilar²³.

De maneira a meu ver genial, num famoso texto dedicado precisamente ao tema da misericórdia, o card. W. Kasper concretiza de forma mais simplificada o nosso compromisso apostólico no campo da misericórdia, seguindo uma quádrupla distinção que eu acho pertinente no tema da identidade do carisma salesiano, empenhado de maneira integral ao serviço de cada jovem e de todos os jovens. Afirma ele que

A enumeração diferenciada das obras de misericórdia corporal e espiritual não é ingênua nem arbitrária. Ela corresponde à distinção de uma *quádrupla pobreza*; a pobreza mais fácil de compreender é a *física ou económica*: não ter um teto sobre a cabeça e nada na panela, ter fome e sede, não ter que vestir nem um abrigo para se defender das intempéries atmosféricas, hoje acrescentaríamos estar desempregado. A isto acrescentam as doenças graves ou as graves deficiências, que a medicina não consegue curar nem sarar devidamente. Não menos importante do que a pobreza física é a *pobreza cultural*: ela significa no limite analfabetismo, em caso menos extremo, mas em todo o caso determinante, não ter nenhuma ou ter pouca possibilidade de estudar e, portanto, poucas perspectivas de futuro, ser excluído da participação na vida cultural social. Uma terceira forma de pobreza a mencionar é a *pobreza em questão de relações*; esta toma em consideração o homem como ser social: solidão e isolamento, perda do *partner*, perda de familiares ou de amigos, dificuldade de comunicar, exclusão culpável ou imposta pela comunicação social, discriminação e marginalização até ao isolamento numa cela de prisão ou em virtude de uma condenação. Por fim, devemos mencionar a *pobreza espiritual*, que na nossa situação ocidental representa um problema sério: falta de orientação, vazio interior, falta de afeto e de esperança, desespero acerca do sentido da própria existência, depressão moral e espiritual até ao colapso psíquico. O caráter multiforme e pluridimensional das situações de pobreza requer uma *resposta pluridimensional*²⁴.

Parece-me que estas quatro formas de pobreza são as que Dom Bosco encontrou nas ruas de Turim há mais de cento e cinquenta anos. Jovem sacerdote, comoveu-se perante os jovens e sentiu a mesma paixão que invadiu o coração de Jesus. Do coração de Dom Bosco nasceu a *ideia do oratório*, que hoje se concretiza através daquilo a que chamamos justamente “critério oratoriano”, que deve caracterizar toda a nossa ação educativo-pastoral e toda a nossa obra apostólica, assim sintetizado no artigo 40 das nossas Constituições salesianas:

Dom Bosco viveu uma peculiar experiência pastoral no seu primeiro oratório, que foi para os jovens *casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que forma para a vida e pátio para se encontrarem como amigos e viverem em alegria*.

No desempenho da nossa missão, hoje, a experiência de Valdocco continua a ser critério permanente de discernimento e de renovação de toda a obra e atividade.

Ora, se fizerem uma associação, resulta de facto natural reconhecer a ligação entre a quádrupla pobreza expressa pelo card. Kasper e os quatro pilares do critério oratoriano, que definem a identidade do carisma salesiano de todos os tempos e de todas as modalidades de exercício da nossa missão.

À *pobreza corporal* corresponde o pilar da “casa que acolhe”. Ir ao encontro das necessidades primárias de tantos jovens (hoje chamamos-lhe também “promoção humana”) foi para Dom Bosco o primeiro passo: dar uma cama, um cobertor, uma refeição, um lugar de encontro, um ambiente em que uma pessoa possa sentir-se acolhida, um ambiente de família onde haja uma paternidade e uma maternidade em ação. Se hoje pensarmos não só na situação dos refugiados que batem às portas da Europa, não podemos senão voltar, por alguns aspetos, à situação de Turim de Oitocentos que viu Dom Bosco protagonista apaixonado e criativo.

À *pobreza cultural* certamente corresponde a ideia de “escola que forma para a vida”. Dom Bosco deu-se logo conta de que a resposta às necessidades primárias era necessária mas insuficiente: e assim nasceram as escolas noturnas, as escolas profissionais e os primeiros contratos de trabalho por ele assinados para garantir a justiça laboral, percursos sólidos de formação intelectual e prática. Dar consistência cultural significa dar estrutura humana definida e dignidade pessoal garantida. Sem cultura, falta sempre espírito crítico e profundidade social, o que dá aso à degradação e manipulação por parte de outros.

À *pobreza relacional* Dom Bosco responde com “o pátio para se encontrar como amigos e viver em alegria”. O mestre que ensina da cátedra, o padre que prega do púlpito, o educador que tem encontros de formação, o superior que dá ordens do alto, não são para Dom Bosco figuras adequadas: para ele a verdadeira relação nasce e desenvolve-se no relacionamento do pátio, lugar dos afetos partilhados, da amizade vivida e do jogo alegre e despreocupado que abre espaço à convivência e à familiaridade.

²³ Cfr. FRANCISCO, *Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia*, n. 15.

²⁴ W. KASPER, *Misericórdia. Concetto fondamentale del vangelo - Chiave della vita cristiana* (Giornale di teologia 361), Queriniana, Brescia 2015, 216-217.

Por fim, resulta evidente como a *pobreza espiritual* encontra a sua correspondência na necessidade de oferecer aos jovens uma “paróquia que evangeliza”, isto é, uma proposta sistemática de educação da fé. Temos consciência da assustadora ignorância religiosa e, portanto, é necessário “assumir sem hesitações a situação atual de analfabetismo de fé de muitos crentes e de analfabetismo do viver de tantos contemporâneos e caminhar para uma nova aprendizagem da gramática das relações»²⁵.

3.4. Terceiro epílogo: crescer na confiança nos jovens!

Chegámos finalmente ao terceiro e último epílogo.

Para ser educador e pastor, requer-se uma atitude fundamental em relação aos jovens: a confiança e a esperança nos próprios jovens, reconhecendo neles verdadeiros e próprios protagonistas da sua mesma educação e evangelização.

O acompanhamento necessário, o apoio e a avaliação – mesmo perante as falhas que pode haver – não podem fazer perder a esperança nas capacidades e nas possibilidades de os jovens serem protagonistas da sua vida.

Infelizmente, como justamente afirma Bento XVI, o trabalho educativo e pastoral é ferido de morte quando nos deparamos com a perda geral da confiança e sobretudo da esperança que, no momento em que agride a fé e a caridade, as esvazia, como que a partir de dentro, da sua força motriz²⁶:

*O aspeto mais grave da emergência educativa é o sentimento de desânimo que invade muitos educadores, em particular pais e professores, perante as dificuldades que a sua missão apresenta hoje. Assim escrevia eu, com efeito, na citada carta: “Só uma esperança confiável pode ser alma da educação. Hoje, a nossa esperança sofre insídias de toda a parte, e corremos também nós o perigo de, tal como os antigos, ser homens ‘sem esperança e sem Deus neste mundo’, como escrevia Paulo aos cristãos de Éfeso (2,12). Precisamente daqui nasce a dificuldade talvez mais profunda de um verdadeiro trabalho educativo: na raiz da crise de educação há de facto uma crise de confiança na vida” que, no fundo, não é senão desconfiança naquele Deus que nos chamou à vida*²⁷.

A pior atitude em absoluto de um agente pastoral é não ter esperança nos jovens a quem é enviado. Este desalento é um pecado mortal, que condena à morte a mesma existência da Igreja e a sua particular vocação, porque

há um só pecado mortal: o desalento, porque dele nasce o desespero e o desespero em substância não é já um pecado, mas a morte mesma do espírito. [...] Acautela-te somente de uma coisa: o desalento²⁸.

A Bíblia e o carisma mostram-nos de facto como é importante pedir e cultivar esta confiança inabalável que aprofunda as suas raízes na consciência obstinada de que em toda a pessoa foi lançada a semente da bondade e da generosidade, mesmo que a sua conduta de vida mostre efetivamente o contrário: Assim o evento da encarnação continua a ser *efetivamente o golpe de teatro fundamental de todo o drama da história da salvação*. Na parábola dos vinhateiros homicidas, que a recorda sinteticamente, tudo isto se aclara:

Começou, depois, a expor ao povo a seguinte parábola:

«Um homem plantou uma vinha, arrendou-a a uns vinhateiros e ausentou-se por muito tempo. No devido tempo, mandou um servo aos vinhateiros, para estes lhes entregarem parte dos frutos da vinha. Mas os vinhateiros despediram-no de mãos vazias, depois de o terem açoitado. Enviou outro servo, mas também o açoitaram, ultrajaram e mandaram sem nada. Enviou ainda um terceiro; e eles, depois de o ferirem, puseram-no fora.

O dono da vinha disse então: ‘Que hei-de fazer? Vou mandar-lhes o meu filho bem amado; talvez o respeitem.’ Mas, quando o viram, os vinhateiros disseram uns aos outros: ‘Este é que é o herdeiro; matemo-lo, para que a herança seja nossa.’ E, lançando-o fora da vinha, mataram-no. A esses, que lhes fará o dono da vinha? Virá, exterminará os vinhateiros e entregará a vinha a outros»²⁹.

Assim, o início da missão salesiana está marcado por uma obstinada e persistente confiança nos jovens, capaz de ir até contra o senso comum:

Enquanto se organizavam os meios para facultar a instrução religiosa e literária apareceu outra necessidade

²⁵ L. MANICARDI, *La fatica della carità. Le opere di misericordia*, Qiqajon, Magnano (BI) 2010, 47.

²⁶ Sobre o tema da esperança entendida como “força motriz” da fé e da caridade, continua insuperável a reflexão de C. PEGUY, *Il portico del mistero della seconda virtù*, in C. PEGUY, *I misteri* (Mondi letterari 35), Jaca Book, Milano 1997³, 155-282.

²⁷ Do *Discurso de Sua Santidade Bento XVI na audiência aos Capitulares* de 31 de março de 2008.

²⁸ V. SOLOVIEV, *I tre dialoghi e il racconto dell'anticristo*, Marietti, Torino 1996², 52.54.

²⁹ Lc 20,9-16.

muito grande a que era urgente acudir. Muitos rapazinhos de Turim e de fora, cheios de vontade de se entregar a uma vida moral e religiosa; mas, convidados a começá-la, costumavam responder que não tinham alimentação, nem vestuário, nem alojamento onde abrigar-se ao menos por algum tempo. Para alojar pelo menos alguns, que à noite não sabiam onde ficar, tinha-se preparado um palheiro onde se podia passar a noite deitado na palha. Mas, repetidamente, uns levaram os lençóis, outros os cobertores e, por fim, até a palha foi roubada e vendida³⁰.

Dom Bosco agiu em perfeita fidelidade às palavras de S. Paulo que, enaltecendo a figura de Abraão, modelo paradigmático da fé, afirma que «*com uma esperança, para além do que se podia esperar*, ele acreditou e assim se tornou pai de muitos povos, conforme o que lhe tinha sido dito: Assim será a tua descendência»³¹.

Assim é a vida cristã, marcada pela fé, pela esperança e pela caridade!

Com a mesma obstinada confiança nos jovens nasceu e se desenvolveu o carisma salesiano!

Esta é, portanto, a aventura que somos chamados a percorrer hoje com Jesus, com a Igreja e com os jovens!

Obrigado!

³⁰ Cfr. G.B. LEMOYNE, *Memorie biografiche di don Bosco*, III, 211-213.

³¹ Rm 4,18.